



## A ENUNCIÇÃO DO ENUNCIADO HOMILÉTICO: UMA ANÁLISE DA CATEGORIA DE TEMPO

Cássia Lacerda Soares<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir dos desdobramentos dos estudos sobre a instância da enunciação advindos da semiótica discursiva, no presente artigo, busca-se discutir as categorias enunciativas de pessoa, espaço e tempo, destacando-se, principalmente, questões correlacionadas à sistematização e ao funcionamento da temporalidade e aos efeitos de sentido que as três categorias engendram em enunciados homiléticos, produtos da enunciação da homilia; esta, por sua vez, pode ser entendida como um discurso situado dentro do contexto das celebrações católicas proferido, em sentido estrito, por um ministro ordenado. Para o desenvolvimento da proposta, elegem-se, como objeto de estudo, três enunciados homiléticos proferidos por três freis sacerdotes na celebração do 2º Domingo do Tempo Pascal, dedicado à Divina Misericórdia. Para a abordagem enunciativa dos enunciados, busca-se embasamento teórico, em especial, nos estudos de Benveniste (1989; 1991), Fiorin (2016), Greimas e Courtés (2018). Nesse contexto, expõe-se, neste trabalho, uma análise sobre as projeções das categorias enunciativas, focalizando, de modo especial, o aspecto temporal dos enunciados homiléticos, a fim de observar os efeitos de sentido mobilizados no discurso da homilia.

**Palavras-chave:** Enunciação. Enunciado. Temporalidade. Semiótica. Homilia.

### **THE ENUNCIATION OF HOMILETICAL STATEMENTS: AN ANALYSIS OF THE TIME CATEGORY**

**Abstract:** *From the unfolding of the studies about to enunciation instance arising discursive semiotic, in the present article, seeks to discuss the enunciative categories of person, space and time, standing out, mainly, issues related to the systematization and the functioning of temporality and the effects of sense that the three categories engender in homiletical statements, homily enunciation products; this, in turn, can be understood as a discourse situated within the context to catholic celebrations, rendered in the strict sense, by an ordained minister. For the development of the proposal, elected, as object of study, three homiletical statements made by three priests, in celebration to 2º Sunday to Easter time, dedicated to Divine Mercy. For the enunciative approach of the statements, theoretical basis is sought, especially in studies by Benveniste (1989; 1991), Fiorin (2016), Greimas and Courtés (2018). In this context, it is exposed, in this work an analysis of the projections of the enunciative categories, focusing, in a special way, the temporal aspect of homiletical statements, in order to observe the effects of meaning mobilized in the homily speech.*

**Keywords:** *Enunciation. Statement. Temporality. Semiotics. Homily.*

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos de Linguagens – PPGEL/UFMS. Bolsista CAPES. ORCID: 0000-0001-8590-0929. E-mail: cassiasoares1327@gmail.com.

## Introdução

Tendo como respaldo os fundamentos da linguística da enunciação de Émile Benveniste (1989; 1991) e seus aprofundamentos advindos da semiótica discursiva, a partir de Algirdas Julien Greimas e Joseph Courtés (1979), e dos indicativos analíticos que José Luiz Fiorin (2016) propõe para um estudo das categorias enunciativas, este trabalho objetiva analisar as categorias enunciativas de pessoa e de espaço enfatizando, em especial, algumas considerações relacionadas à sistematização e ao funcionamento da temporalidade e aos efeitos de sentido que as três categorias engendram na enunciação da homilia, discurso religioso situado dentro do contexto das celebrações católicas. Em sentido estrito, a homilia é uma explicação reservada ao ministro ordenado; contudo, nas frequentes celebrações dominicais no Brasil, cristãos leigos ou leigas podem assumir o ministério da Palavra, pautando-se na natureza do discurso homilético.

Adotando a perspectiva do semiótico e teólogo Louis Panier (1986), vê-se que a homilia integra um conjunto de discursos, os quais são compreendidos como uma espécie de comentário, um discurso segundo, produzido a partir de um primeiro discurso que tem como fundamento a narrativa bíblica. Para o estudioso, esses discursos de interpretação buscam, de um lado, transmitir um saber que pretende a verdade e, assim, exigem um fazer persuasivo ou comunicativo e, de outro lado, procuram interpretar o texto de base requerendo, desse modo, um fazer interpretativo. Panier assevera que o discurso da homilia, ao tomar os textos bíblicos como narrativas de referência, busca atualizar a narrativa evangélica a partir do desempenho persuasivo e interpretativo de quem a profere e, acima de tudo, realiza uma dupla operação: “modaliza segundo o parecer os elementos da narrativa de referência e manifesta o ser correspondente a esse parecer; constrói segredos para desvendá-los, e mentiras, para desmascará-las” (PANIER, 1986, p. 276).

Ao proferir a homilia, aquele que a desenvolve, o homiliasta, procura anunciar os ensinamentos das Sagradas Escrituras aos cristãos, tentando dar conta de relacioná-los ao contexto em que estão inseridos os seus ouvintes, bem como buscar atualizar a mensagem bíblica, para que esta seja entendida e acolhida pela comunidade como “palavra-dita no *aqui* e no *agora*” (MATOS, 2011). Ao se tratar de um estudo acerca de aspectos linguísticos e discursivos presentes no cenário enunciativo em que estão inseridas as homilias, para o desenvolvimento da proposta, estabelecemos como objeto

de estudo três enunciados homiléticos<sup>2</sup>, proferidos por três sacerdotes franciscanos na celebração do 2º Domingo do Tempo Pascal, dedicado à Divina Misericórdia. Diante disso, para a abordagem enunciativa dos enunciados, busca-se embasamento teórico nos estudos de Benveniste (1989; 1991) e Fiorin (2016), Greimas e Courtés (2018).

Adotando tais postulados, este artigo encontra sua razão de ser no fato de que, em meio às investigações realizadas sobre o objeto de estudo, notou-se a carência de abordagens do discurso religioso, de modo específico, o da homilia, sob a perspectiva dos estudos dos índices enunciativos, a partir dos aprofundamentos da semiótica discursiva, destacando questões correlacionadas à sistematização, ao funcionamento e aos efeitos de sentido que as categorias da enunciação engendram em enunciados homiléticos.

## 1. A temporalidade

Influente no cenário francês dos estudos da linguagem, o pensamento benvenistiano constrói a prospecção de uma nova linguística, a da enunciação. Ao dedicar-se à investigação linguística do sujeito, Benveniste (1989) coloca em foco as marcas da subjetividade e intersubjetividade deixadas pelo enunciador.

Compreendida como a instância de instauração do sujeito, do ato de enunciar emergem o enunciador e o enunciatário; aquele se refere ao *eu* pressuposto, não é o sujeito ontológico, mas sua imagem construída na totalidade do discurso e este, ao *tu* pressuposto, sujeito para quem o enunciador se dirige. Vista dessa perspectiva, a enunciação é produto de um ato de apropriação da língua pelo locutor, que, por meio dos elementos do aparelho formal da língua, estabelece como parâmetro um *tu*. Dado o caráter central do sujeito, o *eu*, ao enunciar em um dado espaço e em um determinado tempo, é tomado como ponto de referência para a organização das relações espaçotemporais. O *aqui* é o espaço do *eu* e o *agora* corresponde ao momento da enunciação. A partir do marco espacial *aqui*, são estabelecidas todas as diferenças de espaço: por exemplo, em português, *ali*, *lá*, *acolá*. Por conta de todas essas propriedades, a enunciação torna-se o lugar do *ego*, *hic* et *nunc*.

Aliado ao pensamento benvenistiano, para discutir os índices de pessoa, de tempo e de espaço e seus efeitos de sentidos, Greimas e Courtés (1979) estabelecem os mecanismos responsáveis pela instauração das três categorias no enunciado:

<sup>2</sup> Estes enunciados homiléticos pertencem ao *corpus* da pesquisa de Mestrado – Fé e sentido: enunciação e *éthos* no discurso da homilia – que vem sendo desenvolvida pela autora deste artigo.

debreagem e embreagem. A primeira é definida como a operação em que a instância de enunciação disjunge e projeta para fora de si as categorias enunciativas no momento da discursivização. Já a segunda remete ao efeito de retorno à enunciação, motivado pela neutralização das categorias da enunciação e pela denegação da instância do enunciado. Há dois tipos distintos de debreagem: a enunciativa e a enunciva. No primeiro caso, instalam-se no enunciado os actantes da enunciação *eul/tu*, o espaço do *aqui* e o tempo do *agora*. Por outro lado, ao instaurar no enunciado o *ele*, obtém-se o segundo caso de debreagem, o qual coloca em evidência o espaço do *alhures* e o tempo do *então* situados no enunciado. Cabe lembrar que a debreagem enunciativa e a enunciva criam dois grandes efeitos de sentido: de subjetividade e de objetividade. Assim como a debreagem, a embreagem divide-se em enunciativa e enunciva. Esta se constrói quando o termo debreante pode ser enunciativo ou enuncivo, mas o termo embreante é enuncivo. Já aquela ocorre quando o termo debreante é tanto enunciativo como enuncivo, mas o embreante é enunciativo.

Ao considerar a proposta enunciativa benvenistiana, a partir dos estudos da enunciação desenvolvidos no âmbito da semiótica discursiva, em especial, por Greimas e Courtés, Fiorin (2016) apresenta sua proposta dos estudos da enunciação por meio da construção de uma tipologia do funcionamento das categorias de pessoa, de espaço e de tempo, a qual será focalizada neste trabalho, a fim de traçarmos algumas considerações sobre a sistematização da temporalidade nos enunciados homiléticos. Se, ao tomar a palavra, o falante instaura um *agora*, em contraposição a ele, cria-se um *então*. Esse *agora*, momento da enunciação, é o fundamento das oposições temporais da língua, Fiorin elenca sete desdobramentos referentes à temporalidade: *dominado*, *demarcado*, *sistematizado*, *transformado*, *harmonizado*, *subvertido* e *desdobrado*. Esses diferentes processos constituem a sintaxe do tempo, isto é, a relação entre o tempo da enunciação e o do enunciado e suas projeções.

Em relação ao *tempo dominado*, a reflexão apresentada pelo linguista busca compreender o significado da temporalidade linguística. Por sua vez, o *tempo demarcado* é denominado como aquele relacionado à enunciação. Ao evidenciar a peculiaridade da temporalidade linguística, Fiorin destaca a existência de dois sistemas temporais pertencentes ao tempo denominado pelo linguista como *sistematizado*: o primeiro relacionado ao MR presente e concomitante ao ME e o segundo ordenado em função de MR passado e futuro instalados no enunciado. Em função disso, para o estudioso, tem-se no primeiro caso um sistema enunciativo e um enuncivo no segundo.

No que tange ao *tempo transformado*, Fiorin faz uma análise das mudanças e das projeções temporais operadas na passagem de um discurso a outro. Por sua vez, o *tempo harmonizado* define-se como uma tipologia essencialmente temporal, pois não há correspondente na classificação da categoria de pessoa e de espaço. Já o *tempo subvertido* vincula-se à possibilidade de neutralização dos tempos verbais, ou seja, ao efeito de retorno à instância da enunciação resultante do mecanismo de embreagem temporal. Em relação ao *tempo desdobrado*, abordam-se as duas temporalizações linguísticas: tempo da enunciação, sempre pressuposto, mas que pode ser enunciado pela projeção do eixo da *concomitância* e da *não concomitância* (a *não concomitância* dividindo-se em *anterioridade* e *posterioridade*) em um momento de referência que coincide com o da enunciação; e tempo do enunciado, respeitando o eixo de *anterioridade* e de *posterioridade* ao momento da enunciação.

Com base nesses apontamentos sobre a temporalidade, no tópico seguinte, busca-se destacar alguns índices da categoria de tempo presentes na enunciação dos três enunciados homiléticos focalizados neste artigo, a fim verificar os possíveis efeitos de sentidos que as categorias da enunciativas engendram na enunciação da homilia.

## 2. Análise

A partir dos apontamentos teóricos, focalizaremos a análise enunciativa dos enunciados homiléticos deste trabalho. Salientemos, antes, que os três enunciadotes sacerdotes serão identificados como E1, E2 e E3.

Ressalta-se que estes enunciados foram gravados e, posteriormente, transcritos a partir das normas de transcrição previstas pelo Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC) e das orientações de Dino Preti (2010). Assim, no interior dos trechos das homilias que serão analisadas, será possível identificar a ocorrência de letras maiúsculas, indicando entonações enfáticas ocorridas durante a enunciação, bem como a presença de pontos, sinalizando pausas ou prolongamento de vogais ou consoantes. Pontua-se ainda que nos enunciados grifamos palavras e expressões que exemplificam as considerações a serem apontadas no exame das projeções enunciativas nos enunciados da homilia, a fim de facilitar a compreensão do que se pretende apresentar neste trabalho.

Considerando, inicialmente, a essencialidade da categoria de pessoa para o estudo das marcas da enunciação, observa-se que os três enunciadotes se apresentam como sujeitos da enunciação. Por meio do pronome *eu* instalado no interior do

enunciado, percebe-se a projeção da própria enunciação dentro do enunciado, na enunciação enunciada, dada pelo mecanismo de debreagem. Em consequência, observa-se, nos três enunciados, a presença de um *eu* pressuposto, o qual enuncia no *agora* e no *aqui* inscritos no enunciado. Faz necessário pontuar que os sujeitos instalados nos enunciados revelam marcas de subjetividade e buscam criar o efeito de proximidade entre enunciador e enunciatário, na medida em que empregam o pronome *nós*. Este se configura, conforme explica Fiorin (2016), como um *nós* inclusivo (*eu + você/tu = nós*, esta comunidade religiosa) que opera, com a passagem de um saber dado por meio da identificação e anulação da distância entre enunciador e enunciatário, um efeito de sentido de proximidade:

**E1:** (...) somos todos **nós** que estamos aqui hoje... não vimos mas também acreditamos naquilo que os apóstolos disseram e que a igreja traz até os nossos dias né? (...)

**E2:** (...) que a força do espírito de Jesus ressuscitado continue nos alinhando nos fortalecendo:: para que possamos viver plenamente no meio no SEIO de **nossas** comunidades... e que as **nossas** comunidade sejam o lugar privilegiado da presença de Jesus Cristo o:: ressuscitado:: para nos fortalecer no dia a dia de **nossa** caminhada (...)

**E3:** (...) hoje é o domingo da misericórdia... essa capacidade que era só de Deus de perdoar os pecados agora é de **TODOS** (...) vamos fazer os milagres que Jesus faz... não aqueles que a gente pede MAS aqueles que Deus sabe que **nós** precisamos na nossa caminhada... desde muito tempo **nós** somos o milagre de Deus (...)

Os trechos evidenciam que os homilistas enunciadore, ao empregarem o *nós* inclusivo e os pronomes que indicam pertencimento, colocam-se também como membros da comunidade, não assumindo uma posição de superioridade diante dos fiéis, ao contrário, buscam pelo valor da irmandade e da minoridade e, de modo particular, considerando o cerne da liturgia do 2º Domingo da Páscoa, a qual reconhece a comunidade cristã como um espaço de fraternidade, de partilha e, principalmente, de acolhida, pois recebe a todos sem distinção e oferece um ambiente privilegiado para o encontro com Jesus ressuscitado.

Nos três exemplos, os homilistas enunciam no espaço enunciativo do *aqui*; no entanto, quando retomam o espaço inscrito no enunciado para referenciar eventos que ocorreram com os actantes do enunciado bíblico, fazem menção aos espaços enuncivos (*lá* e *ali*). Dessa forma, ao focalizarem o domínio do enunciado, por meio da debreagem actancial enunciva, empregam-se o *e/e*, designada por Benveniste (1966) como a *não-*

peessoa, a qual se dirige a um sujeito não instaurado como participante da cena da enunciação:

**E1:** (...) **eles** estavam **ali** reunidos de portas fechadas (...) o evangelho mostra também que Tomé um dos onze... **ele** não estava presente por isso **ele** não acreditou naquilo que os outros contaram pra ele... **ele** duvidou...como se diz...daquilo que seus companheiros contaram (...) João vai contar dar testemunho dessa expeRIÊNcia dele com o Cristo ressuscitado e::... esse testemunho que ele dá também tem consequência... dessa sua atitude... o exílio... ficou exilado **lá** na Ilha de Patmos na Grécia (...)

**E3:** (...) **eles** não tinham certeza que as notícias trazidas pelas mulheres eRAM verdadeiras... **eles** estavam em dúvida e... a dúvida e o medo de serem mortos como Jesus os fazem ficarem trancados dentro das casas (...)

Pontuadas tais considerações gerais da sistematização do índice de pessoa e de espaço nos três enunciados, passemos aos apontamentos sobre a temporalidade. A partir do exame dos enunciados, considerando a tipologia do funcionamento da temporalidade elaborada por Fiorin (2016), verifica-se que na enunciação dos três sacerdotes há a recorrência de tempos enunciativos e enuncivos que criam efeitos de sentidos particulares a cada enunciação. Nota-se que no E1 a temporalidade organiza-se em relação ao *agora*, por meio do mecanismo da debreagem temporal enunciativa e do uso de advérbios do sistema enunciativo (*hoje, domingo passado*); assim, o momento de referência presente é concomitante ao momento da enunciação, como ilustra o trecho a seguir:

**E1:** (...) **hoje** celebramos o segundo domingo do tempo pascal... no **domingo passado** celebramos a ressurreição do senhor no primeiro domingo do ciclo pascal (...)

Ao longo do enunciado do mesmo enunciador, observa-se o predomínio de marcas do enunciado, por meio do emprego do pretérito, o tempo por excelência da narração. Nota-se, desse modo, o uso de tempos enuncivos pertencentes ao subsistema da anterioridade, como é o caso, segundo Fiorin (2016), do pretérito perfeito 2. No exemplo a seguir, esse tempo parece conceder a mensagem sagrada não um aspecto de pontualidade, de algo acabado, mas de evidenciar a verdade histórica dos episódios sagrados:

**E1:** (...) para Maria Madalena **apareceu** em primeiro lugar como um jardineiro... depois **apareceu** para os discípulos de Emaús como se fosse um viajante também (...) Tomé um dos onze... ele não estava presente

por isso ele não **acreditou** naquilo que os outros **contaram** pra ele... ele **duvidou**...como se diz...daquilo que seus companheiros contaram (...)

Da mesma forma que E1, E2 também organiza a temporalidade do enunciado em relação ao *agora*. Há, dessa forma, a recorrência da debreagem temporal enunciativa e cria-se o efeito de sentido de subjetividade:

**E2:** (...) Jesus se dá a conhecer **agora** pela palavra... pela::... pela eucaristia que é a fração do pão e no SEIO da comunidade... por isso mesmo os próprios discípulos de Emaús quando reconheceram o senhor voltaram imediaTamente para a comunidade...**é** o lugar de encontro com o senhor (...)

No entanto, ao longo do desenvolvimento do enunciado da homilia, E2 recorre ao que Fiorin (2016) define como *tempo subvertido*. Com o uso desse tempo, confere-se ao enunciado um efeito de retorno à enunciação, motivado pela neutralização da temporalidade. Desse modo, ocorre uma embreagem temporal que permite o emprego de um tempo verbal com o valor de outro:

**E2:** (...) ele... que duvidou da fé... que não estava na comunidade por isso não viu o senhor... e só... reconhece o senhor:: o ressuscitado:: quando **está** ou quando **participa** da comunidade ... aí sim ele **reconhece** o senhor:: e **faz** uma das maiores profissões de fé que se **encontra** na bíblia... “meu senhor e meu Deus” ele **reconhece** Jesus como o senhor... a palavra senhor na bíblia **significa** o ressuscitado portanto ele **diz** “MEU senhor e MEU Deus”... ele **reconhece** Jesus como Deus como filho de Deus como o ressuscitado... como o senhor (...)

A partir do exemplo exposto, constata-se que a anterioridade dos acontecimentos não é exposta pelo pretérito perfeito, mas pelo presente. Esta neutralização da temporalidade instaura uma ampliação do presente em direção ao passado e cria-se um o efeito de sentido de que o tempo é pura construção do enunciadador, que presentifica o passado.

Com relação ao enunciado do E3, verifica-se que também organiza sua temporalidade em relação ao *agora*, porém, diferente dos dois primeiros enunciados, neste há o predomínio de tempos do sistema enunciativo, como o presente pontual, com o momento de referência sendo igual ao da enunciação:

**E3:** (...) hoje **é** o domingo da misericórdia... essa capacidade que era só de Deus de perdoar os pecados **agora é** de TODOS aqueles e aquelas que trazem Deus no coração e vivem essa dinâmica de Deus na vida no dia a dia (...)

Em outros trechos desse enunciado, o enunciador sacerdote parece buscar a atualização da mensagem bíblica, para que esta seja entendida e acolhida pela comunidade como palavra-dita no *aqui* e no *agora*. Dessa forma, recorre ao mecanismo da debreagem temporal enunciativa, ordenada em relação à enunciação, engendrando o efeito de sentido de subjetividade:

**E3:** (...) Jesus **diz** “O DEUS QUE MORA DENTRO DE MIM FAÇA MORADA:: dentro do coração de vocês”... SE Deus **faz** morada dentro do coraÇÃO o que acontece com o medo? **desaparece** temos a certeza de que Deus está dentro de nós... e:: quem tem Deus dentro de si recebe a missão... (...) De quem **é** o poder de perdoar os pecados? **é** de Deus e:: Jesus **dá** àqueles e àqueles que são portadores de Deus a missão... se vocês **são** portadores de Deus também **são** portadores do perdão... se vocês não **são** portadores de Deus vocês não vão perdoar de jeito maneira... não estou falando que **é** fácil de perdoar MAS estamos fazendo a missão de Deus... isso **é** o que o evangelho de hoje nos propõe esse desafio (...)

Cabe ressaltar que, nos três enunciados, nota-se recorrência do presente omnitemporal, indicando a enunciação de verdades eternas:

**E1:** (...) “eu sou o primeiro e o último o alfa e o ômega” (...)

**E2:** (...) “eu sou o primeiro e o último... o vivente estive morto MAS eis que vivo pelo século dos séculos... eu tenho a chave da morte”(…)

**E3:** (...) “Deus faz morada dentro do coraÇÃO” (...)

Os homilistas, dessa forma, procuram anunciar os ensinamentos das Sagradas Escrituras aos cristãos, tentando dar conta de atualizar a redentora mensagem divina e relacionar os ideais cristãos ao contexto em que estão inseridos os seus ouvintes.

## Considerações finais

Investigar a homilia, uma espécie de comentário de interpretação e divulgação dos princípios cristãos, sob a perspectiva linguística, a partir de uma proposta que observa desdobramentos das categorias enunciativas, como a sistematização da temporalidade em enunciados homiléticos, tornou possível constatar que enunciador homilista instaura a sua personalidade, atinge o outro e se faz reconhecer como um *eu* com relação a um *tu*, seus ouvintes. Ao valer-se da instalação do simulacro do *ego*, o enunciador da homilia cria efeitos de sentidos de subjetividade, de proximidade e de coletividade.

Diante disso, as estratégias temporais empregadas nos enunciados parecem evidenciar a eternidade de Deus e a verdade atemporal dos enunciados bíblicos, os quais são comentados e interpretados no momento da homilia. Nota-se, assim, que, para atingir os fiéis, os homiliastas valem-se de tempos enunciativos, criando um efeito de sentido de proximidade e de subjetividade. Por outro lado, quando querem enaltecer o prolongamento da palavra da Escritura atualizada, recorrem ao processo de neutralização dos tempos verbais, revigorando o fazer memória cristão, que não se apresenta no sentido de deixar guardadas as reminiscências dos ensinamentos de Jesus, mas permitir que sejam perpetuadas ao longo de toda jornada da vida cristã. A partir dessas considerações, observa-se que o enunciado da homilia estrutura-se por meio do processo de construção do memorial de Jesus, o lugar eminente da homilia na liturgia encontra-se, desse modo, na ação de atualizar e compreender as experiências vividas pelo povo de Israel, pelas primeiras comunidades cristãs e as nossas próprias vivências.

## Referências

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Trad. M. G. Novak e L. Neri. 3ª Ed. Campinas: Pontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral II**. Trad. E. Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 3ªed. São Paulo: Contexto, 2016.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2018.

MATOS, Marcelo Fróes de. **O Mistério Pascal na Homilia**: Um serviço à comunidade por meio da Liturgia da Palavra. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

PANIER, Louis. O discurso de interpretação no comentário bíblico. *In*: Greimas, Algirdas Julien; Eric Landowski. **Análise do discurso em ciências sociais**. São Paulo: Global, 1986.

PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo, FFLCH/USP: Humanitas, 2010.